O CORPO-DISCURSO EM QUESTÃO DO VESTIBULAR: NORDESTE E(M) SENTIDO

LIVIA DIAS DE AZEVEDO¹
EDSON ROBERTO DE SOUZA²

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Educação
Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade
Avenida Transnordestina, s/n – Novo Horizonte – Feira de Santana –BA – Brasil

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências
Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências da Terra
Rua Carlos Gomes, 250 - Cidade Universitária, Campinas – SP

liviadias2@gmail.com , fisedsonson@gmail.com

Resumo. *O artigo objetiva discutir sobre os efeitos de sentido produzidos por uma questão do vestibular da Unicamp. Centraliza sua discussão no enunciado constituído por imagem e texto, sobretudo pelos efeitos oferecidos pela coordenação “e” na expressão água “e” terra. Nesse sentido, problematiza o uso dessa coordenação a partir dos aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso franco-brasileira. Dessa forma, admite-se que a memória discursiva preenche os espaços transbordando-os, saturando-os de sentidos. Logo, a ligação pelo “e” aparece como um efeito da memória que sustenta e ancora dizeres a respeito da região Nordeste do Brasil. Aceita-se a ideia de que a construção da imagem do corpo nordestino se constitui a partir do sentido historicamente atribuído à água e à terra no Nordeste brasileiro.*

Palavras-chave: *Análise de Discurso; memória discursiva; corpo nordestino; região Nordeste.*

Abstract. *The article aims to discuss the effects of meaning produced by the Unicamp entrance exam. It centers its discussion on the statement made up of image and text, especially the effects offered by the coordination “e” on water “e” earth. In this sense, it problematizes the use of this coordination from the theoretical-methodological contributions of Franco-Brazilian Discourse Analysis. Thus, it is admitted that discursive memory fills the spaces by overflowing them, saturating them with meanings. Thus, the “e” connection appears as a memory effect that sustains and anchors sayings*

¹ Doutora em Ensino e História das Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana onde atua na graduação e na Pós-graduação *stricto sensu* em Desenho, Cultura e Interatividade e no Programa em Rede Nacional para Ensino das Ciências ambientais. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e Geografia (GEPEHG/UEFS).

² Doutor em Ciências e Sustentabilidade pela Universidade de Girona, Espanha. Doutor em Ensino e História das Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Universidade Estadual de Campinas onde atua na Pós-graduação em Ensino e História das Ciências da Terra.

about the Northeast Region of Brazil. The idea is accepted that the construction of the image of the northeastern body is constituted from the sense historically attributed to water and land in the Brazilian Northeast.

Keywords: *discourse analysis; discursive memory; northeastern body; Northeast Region.*

INTRODUÇÃO

A língua é a principal materialidade do discurso, mas não é a única. Se pensarmos na linguagem como um sistema mais amplo, complexo e incompleto, podemos alargar o seu conceito e perceber que a matéria discursiva se constitui de várias formas de linguagem, como, por exemplo, fotografias, gráficos, pinturas, músicas, danças, ou seja, uma série de linguagens não verbais que produzem discursividades em suas manifestações materiais. O que estamos propondo aqui é que a linguagem seja considerada tanto em sua dimensão verbal (falada e escrita), quanto não verbal (gráficos, pinturas, figuras, fotografias, mapas, desenhos, arquitetura).

Orlandi (2015, p. 13-14) esclarece que a Análise de Discurso (AD) não trabalha a linguagem como sistema abstrato, mas com a língua enquanto materialidade simbólica, “com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade”. Considerar a materialidade simbólica do discurso implica considerar a memória discursiva que é construída pelas diversas formas de discurso. Essa é uma noção importante, sobretudo quando se trata das questões concernentes ao clima e à vegetação da região Nordeste do Brasil, pois existe uma representação simbólica hegemônica que caracteriza essa região.

Apresentamos, neste texto, uma análise discursiva da questão de número 29 da prova de Geografia do ano de 1993 da segunda fase do vestibular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, a qual trata da relação entre água e terra na região Nordeste do Brasil. Vale ressaltar que este trabalho fez parte de uma ampla pesquisa de doutorado, cujo objetivo principal foi analisar o papel discursivo das questões de Geografia do vestibular da UNICAMP entre os anos de 1987 e 2018, em um intervalo de tempo de trinta anos.

Dessa forma, utilizamos como referencial teórico e metodológico os postulados da Análise de Discurso franco-brasileira, especialmente dos trabalhos de Pêcheux (2015, 2014), Orlandi (1997), Lagazzi (2013), Courtine (2009, 1999), dentre outros autores que contribuíram para a construção do dispositivo de leitura aqui proposto.

O texto a seguir procura, na primeira seção, discutir a coordenação “e” no enunciado “terra e água”; na segunda, reflete sobre as relações entre imagem, corpo e memória a partir da imagem que constitui o enunciado da questão em análise; e, na terceira, procura produzir um efeito de fecho tomando por base a existência de um sentido hegemônico produzido pela inscrição do corpo na memória, ou vice-versa.

ÁGUA “E” TERRA

A região Nordeste do Brasil ainda se constitui como região problema, seja pela falta ou escassez das chuvas, seja pela veiculada dependência política, tecnológica, cultural, educacional e financeira em relação aos grandes centros da região Sudeste. Esses são discursos postos, os quais circulam por ambientes escolares, científicos, institucionais, governamentais, midiáticos, tanto pela via digital quanto pela impressa. Quanto à escassez das chuvas, o principal motivo que torna o Nordeste um tema interessante para as mídias é o discurso recorrente que coloca a natureza como a grande responsável pela situação de atraso, pobreza e mendicância em que vive o Nordeste e os nordestinos, ou seja, esse é um lugar-comum sobre essa região.

Neste tópico, analisaremos uma questão da prova de Geografia do vestibular da Unicamp de 1993. Dentro do escopo das questões que envolvem a região Nordeste brasileira, a questão 29³ chama a atenção pela imagem. O primeiro ponto que prende o olhar é o desenho, e, só num segundo momento, o enunciado escrito. Embora, de uma forma geral, o texto imagético não tenha excelente qualidade visual, ainda assim é possível relacioná-lo ao texto verbal e refletir sobre os efeitos de sentido que produzem. É nesse batimento entre o verbal e o não verbal que o sentido é construído nessa questão, não em uma relação hierárquica, mas em uma relação de constituição em que o fio do discurso é alinhavado pela memória. No enunciado da questão, constam dois elementos linguísticos (água...terra...), que, pelo efeito de sequência, aparecem no enunciado da questão como água e terra, produzindo uma ideia de linearidade. Como no Nordeste a água está para a terra, e vice-versa, não causa estranhamento no leitor que os dois elementos linguísticos sejam colocados em efeito de sequência.

29.

(Extraído de: 13 de Maio – Núcleo de Educação Popular)

“Água... e terra...” — explique por que, na problemática regional nordestina, estes dois elementos possuem grande importância.

Figura 1. Questão do vestibular da Unicamp, 1993.

Na esteira de Orlandi (1997, p. 34), precisamos considerar o fato de o enunciado ser construído por junção, coordenação (“e”): terra e água. Sabemos que a água e a terra

³ Disponível em http://www2.comvest.unicamp.br/vest_antiores/1993/download/FIS_GEO.pdf. Acesso em: 10 jun. 2016.

são questões sensíveis em qualquer das regiões brasileiras, de Norte a Sul, mas o que significa a inscrição do sintagma “água e terra” nos discursos produzidos e feitos circulados sobre o Nordeste brasileiro? Considerando a memória discursiva/coletiva/social a respeito do Nordeste, quais sentidos são preenchidos pela coordenação (“e”)?

Essa relação de junção oferecida pela coordenação expressa o sentido que deve ser lido, visto que a terra foi ligada à água formando uma sequência, em que uma estaria para a outra como dois lados de uma mesma moeda. Esse efeito de sequência é, também, provocado pela imagem, na medida em que dois sujeitos, lado a lado, rastejam por água e terra. Nisso podemos observar um triplo apagamento: o primeiro refere-se aos processos históricos de construção do Nordeste; o segundo, à politização de fenômenos naturais e, finalmente, o terceiro, ao apagamento do sistema econômico nas relações sociais. Logo, a ligação pelo “e” em terra e água aparece como um efeito da memória: não está explicitamente dito, mas é um suposto que sustenta e ancora outros dizeres a respeito dessa região. Nesse sentido, Orlandi (1997, p. 35) explica que,

pelo fato de se construir como junção (coordenação), como veremos, estão absolutamente conformes, intrinsecamente ligados na significação: produz o efeito generalizador como se já tivesse se fixado como verdade eterna, irrefutável, sempre e em todo lugar. Não tem o caráter da asserção, não predica, significando de modo ao mesmo tempo vago e absoluto.

É dessa forma que se preenchem e saturam os sentidos de água e terra na referida questão, já que um é colocado ligado ao outro na sua significação, como uma verdade que daria conta de explicar as problemáticas da região. O efeito generalizador é importante para entender que a formulação é tão profundamente saturada de sentido que se torna vaga e genérica. O que caberia dentro da expressão água... terra...? É a memória que preenche de significados, os quais são historicamente construídos e compartilhados coletivamente pela sociedade brasileira. Água, e terra, e sujeitos que rastejam deixando marcas pelo atrito do movimento dos seus corpos sobre a terra, significam de modo particular quando se referem à região Nordeste do Brasil.

Há uma ordem na formulação: primeiro, água; depois, terra. A água precede a terra, e não o contrário. Assim, os dois elementos são colocados hierarquicamente. Esse sentido não é oferecido pela imagem, pois os dois sujeitos estão no mesmo alinhamento em relação ao chão, à terra. É a água que irriga a terra, é a água que possibilita a produção e o cultivo da terra, sem a água a terra não produz. Historicamente, a água é um elemento de extrema importância para o Nordeste e o nordestino, justamente porque ela, que é significada pela falta, pela escassez ou pela má distribuição, causa o maior de todos os problemas, pelo menos é isso o que “nos fazem” querer acreditar.

É um discurso naturalizado, no qual terra e água são inseparáveis nas questões sobre o Nordeste brasileiro. Segundo o imaginário coletivo e a imagem da questão em análise, a água e a terra são necessidades prementes dos nordestinos. É pelo seu acesso que eles lutam. O que está suposto no enunciado da questão?

O discurso da água e da terra sustenta os discursos todos, ou quase todos, sobre o Nordeste e o nordestino, seja nas questões de vestibular, na educação, na literatura, nas

artes, na ciência, na política. É a partir deles que outros discursos são produzidos, é sobre esses discursos que se assentam políticas de permanência de um mecanismo desigual e combinado que, na engrenagem da economia, sustenta essa região. Água e terra têm um funcionamento marcado na relação política e econômica. Os discursos políticos, científicos, imagéticos, literatos e econômicos sustentam uma construção do Nordeste brasileiro: se é natural, é inegável que está no domínio do que se apresenta como óbvio. Embora preenchidos pela memória, água e terra são termos vagos que permitem ser preenchidos com diversos outros sentidos.

Como dissemos anteriormente, a memória discursiva sobre o Nordeste é historicamente marcada num tempo e espaço definidos. Ou seja, existe uma construção imagético-discursiva do que hoje se nomeia Nordeste brasileiro. Nesse percurso histórico, a água e a terra significam essa região de modo muito particular. Provocando minimamente a memória, é possível, através da paráfrase, substituir a água por:

Água
Seca
Sede
Doenças
Desnutrição

Já a terra pode ser substituída por:

Terra
Fome
Pobreza
Miséria
Trabalho

Água e terra são dois movimentos de um mesmo processo. Talvez por isso os dois elementos linguísticos estejam colocados em um efeito de sequência. Tanto a água quanto a terra, nessas condições, significam a falta, e a imagem corrobora essa direção de sentido. Esse jogo de paráfrases é construído e constituído por tempo histórico, como nos explica Pêcheux. Para ele, a paráfrase marca “a inscrição necessária dos funcionamentos parafrásticos em uma formação discursiva historicamente dada” (2009, p. 266). Ainda, segundo Pêcheux, existem dois funcionamentos: o mesmo, que é o “da identidade, da repetição, assegurando a estabilidade da forma lógica do enunciado”; e a alteridade, que é o “da diferença discursiva, da alteração do sentido induzido pelos efeitos de espelhamento e de deriva” (PÊCHEUX; LÉON, 2011 [1982], p. 172 apud PÊCHEUX, 2014, p. 169). Nesse sentido, a paráfrase pode ser entendida como a repetição histórico-discursiva de dizeres que partem de uma mesma matriz de sentido.

Embora esses sentidos estejam estabilizados na memória e no imaginário coletivo, em outras condições de produção, o sintagma abre espaço para o deslize, a falha, o outro. Para Pêcheux (2015, p. 53), o equívoco é constitutivo da língua. Dessa forma, todo enunciado é “susceptível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de sentido para derivar para um outro”. Por exemplo, para os latifundiários produtores de fruticultura do sertão nordestino, não é a falta que caracteriza

as relações; é, ao contrário, o excesso de água e terra, e esses dois elementos produzem outros significados, a saber:

Água
Fertilidade
Fartura
Abundância
Dinheiro
Tecnologia

Terra
Produtividade
Lucro
Riqueza
Poder
Política

Como é possível perceber, as palavras não têm sentido em si mesmas, elas mudam de sentido a partir das condições de produção e da matriz de sentido em que são empregadas, como nos indica Pêcheux (2014, p. 160): “as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 160). Isso também nos induz a pensar que palavras são criadas, apagadas, articuladas, desligadas, mudam de sentido, são juntadas, afastadas, substituídas... A língua, estrutura com ordens próprias, está completamente envolvida na história, porque dela participa, inscrita como base dos processos discursivos-ideológicos; ou, dito de outra forma: a língua faz sentido na sua relação com a história e com a memória.

IMAGEM, CORPO E MEMÓRIA

Neste tópico, propomos a discussão que toma o corpo como sentido, o corpo investido de história e memória que são reveladas, reverberadas e ressignificadas no corpo em performance. É na relação verbal e não verbal que o fio do discurso é costurado pelas linhas da memória. Embora linguagens de naturezas diferentes e não hierárquicas, verbal e não verbal constituem materialidades discursivas que nos permitem gestos de leitura. Neste texto, consideramos linguagem não verbal a imagem que compõe o enunciado da questão e representa uma visualidade, um olhar historicamente produzido sobre o corpo nordestino.

A materialidade da imagem em questão é emblemática não apenas porque toca em dois grandes símbolos nacionais da região. Na memória imagético-discursiva sobre o Nordeste, esses dois elementos estão diretamente associados à seca, à falta de água, à falta de terra, ou à falta de condições de cultivo da terra. A falta está presente no efeito de sentido oferecido pela imagem. A falta, nessa matriz de sentido, apresenta-se como um efeito de sentido produzido através da imagem.

A imagem da questão 29 é extraída do “13 de Maio – Núcleo de Educação Popular”, e causa certo estranhamento o fato de essa imagem constar num documento voltado a esse tipo de educação. De acordo com Silva (2008, p. 13), o 13 de Maio NEP

é uma entidade construída no bojo do ressurgimento dos movimentos sociais, no início dos anos oitenta, ainda na ditadura militar, que vem desenvolvendo o trabalho de formação política, com viés anticapitalista, inicialmente em São Paulo e, posteriormente, em vários pontos do Brasil, por meio de centenas de educadores por ela formados.

No entanto, como nos ensina Pêcheux (2014), o sistema linguístico é sujeito ao equívoco. O sentido das palavras – e aqui acrescentamos –, o sentido das imagens sempre pode ser outro, sempre desliza, escapa, desvia e, por isso mesmo, sempre é marcado pela metáfora. Dessa forma, a língua – e acrescentamos mais uma vez –, a imagem “constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 172).

Pêcheux (1999) nos ensina ainda que a imagem funciona como um operador de memória, uma materialidade que precisa ser desopacizada através de um investimento de leitura e interpretação. Desse modo, a imagem se apresenta como “um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar” (PÊCHEUX, 1999, p. 51). Assim como a língua, a imagem também precisa ser historicizada, ser “devolvida” à história para que sua leitura seja possível e outros modos de significar apareçam para além da superfície dessa materialidade significante. A imagem, então, se apresenta e, ao mesmo tempo, lhe transpassa, como objeto empírico, como leitura e como representação simbólica. A análise do não verbal, a imagem, é permitida pelo funcionamento da exterioridade refletida, reinventada, rememorada no suporte imagético.

Deleuze (2007) corrobora a discussão na medida em que nos provoca a pensar na possibilidade de desviar da imagem clichê, que aqui podemos associar à opacidade da imagem; ou seja, poderíamos dizer que a imagem clichê é uma imagem opacizada, passível de gestos de leitura e interpretação. De acordo com o autor:

rapidamente “marcas livres” no interior da imagem pintada para destruir a figuração nascente e dar uma chance à Figura, que é o próprio improvável. Essas marcas são acidentais, “ao acaso”, mas vê-se que a mesma palavra acaso de modo algum designa probabilidades, designa agora um tipo de escolha ou de ação sem probabilidade. Pode se dizer que essas marcas não são representativas, justamente porque dependem do ato ao acaso e nada exprimem que se refira à imagem visual: elas só dizem respeito à mão do pintor. Mas, por isso, só servem para serem utilizadas, reutilizadas pela mão do pintor, que vai se servir delas para extrair a imagem visual do clichê nascente, para se desvencilhar da ilustração e da narração nascente. (DELEUZE, 2007, p. 97-98).

Para Deleuze, é preciso fazer furos na imagem clichê para que outras imagens-possibilidades apareçam. O problema não estaria então no clichê, mas em outras possibilidades de apresentação que ele sombreia, apaga e silencia, estabilizando uma ordem já previamente estabelecida como única verdade.

No batimento entre imagem e língua no enunciado da questão “Água...Terra... – explique por que, na problemática regional nordestina, estes dois elementos possuem grande importância”, um termo chama a atenção: “problemática regional nordestina”. De início, essa combinação sugere que a região Nordeste seja uma região problema, ou, ainda, que, dentro do conjunto das regiões brasileiras, ela é a problemática. Não existe um questionamento, mas a afirmação de que a região Nordeste é um problema, possivelmente por conta da falta de água e de terra e da presença dos trabalhadores braçais/manuais que usam pouca tecnologia e são desqualificados tecnicamente, segundo um modelo de modernização hegemônico. A natureza é invocada de forma muito simplista, ingênua, dando a entender que é a natureza que retira do Nordeste e dos nordestinos a água e a terra. O clima é considerado um fenômeno dado, posto. E, talvez, caiba perguntar: quem retira dos nordestinos a água e a terra?

Já na materialidade do desenho, dois corpos indicam, pela estrutura física, as figuras de dois homens. Eles se arrastam pela terra, pelo chão em busca de alguma coisa, que é revelada pelos balões de diálogo: água... água... água... terra... terra... terra... Eles se rastejam por longo espaço, como percebemos pelos desenhos formados por seus corpos no chão, e, estando no chão, produzem um efeito de inferioridade e de fragilidade. Na hierarquia do trabalho e da dignidade humana, estão na base e não no topo. O sentido de trabalho também é revelado pelo desenho. O trabalho, o ofício do nordestino, está ligado à terra e ao corpo.

Para Orlandi (2007), o corpo do sujeito está atado ao corpo social, e é no corpo que a exterioridade produz seus efeitos. A inscrição de memória e história no corpo provoca processos identitários que estão no confronto entre o individual e o coletivo. Esses processos são fortemente marcados no corpo pela interpelação ideológica, ou seja, o corpo é, também, produzido pela ideologia. A esse respeito, Orlandi (2012) nos explica que

[...] o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia. Por isso, pode ser tão afetado quanto o é, em nossa sociedade de consumo, de mercado, de tecnologias. Ele funciona estruturado pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política. (ORLANDI, 2012, p. 95).

Quanto ao corpo-sentido social, conforme Albuquerque Júnior (2017), Rodolfo Teófilo, no livro “A Fome⁴”, descreve a figura da besta humana: “o encontro com ela é narrado como tendo sido vivido pelos próprios personagens da trama: um homem a andar de gatinhas, a farejar migalhas, que roía as unhas e as escamas que se desprendiam de sua pele, as narinas dilatadas, que farejavam as carnes de Carolina, com o desejo de devorá-la” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 246). O homem de que fala Teófilo ensaia comer a si mesmo, em um movimento autofágico e fareja carne humana numa desesperada tentativa de matar a própria fome. O homem não é mais apenas homem. Uma vez que anda de gatinhas, fareja e tem narinas dilatadas pelo desejo por comida, é um homem-bicho.

⁴ A Fome é um romance publicado originalmente em 1890 escrito pelo nordestino nascido em Salvador, embora autodeclarado cearense, Rodolfo Teófilo. É um clássico da literatura das secas.

Semelhante situação vivem os homens da imagem da questão 29, aqui em análise, andando de gatinhas pelo chão, farejando migalhas de terra e água. Seria a figura abaixo a representação desse homem? Ou melhor, da besta humana?

Figura 2. Capa do filme “Morte e vida Severina” de 1977:

Na figura 2, capa do filme “Morte e vida Severina”, vemos que homem e animal se misturam. A cabeça do homem se confunde com a cabeça do boi: é um homem-boi, um boi-homem, não se sabe. A mesma coisa acontece com o corpo. Não é possível identificar qual perna e pé são de homem e de bicho; há pernas de homem e de bicho, assim como os pés. O homem é tornado bicho ou o bicho se torna homem? Nesse jogo imagético-discursivo, a noção de natureza reaparece com força. Se, inicialmente, o homem era também natureza, um objeto do espaço natural, agora é outra a natureza do homem-animal, havendo, assim, a objetificação e a “bichetificação” do homem nordestino.

Foi com essa capa de homem-bicho que a imagem do homem retirante nordestino circulou pelo Brasil e por outros países, através do filme “Morte e vida Severina”, produzindo um efeito de animalização do homem nordestino: forte, resistente, rude, exótico, “sui generis”, capaz de suportar a fome, a sede, a miséria, as doenças. Manuel Bandeira, em seu poema “O Bicho”, deixa evidente essa relação do homem com o bicho animal, “vi ontem um bicho na imundice do pátio catando comida entre os detritos. Quando achava alguma coisa, não examinava nem cheirava: engolia com voracidade. O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem” (1974, p. 203).

Ainda a respeito dessa transferência do homem-bicho, uma passagem do texto de Silva (2010) nos ajuda a compreender a atualização desse discurso:

⁵ Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=capa+do+filme+morte+e+vida+severina&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiN7oja8ZnYAhUDxpAKHZjMDPQQsAQIJg&biw=1366&bih=637#imgdi=i=2WtPuykKexPFyM:&imgsrc=-dPLCWu82-SDgM:>. Acesso em: 14 mar. 2018.

Por exemplo, seria uma falácia afirmar que o dizer do governador de Sergipe em 1983, João Alves, para quem a miséria do Nordeste estaria promovendo o aparecimento de uma sub-raça, “com homens inferiores pela própria constituição” (*Veja*, 17/08/1983, p. 66) – tom de que *Veja* se utiliza para fundamentar a ideia de um lento genocídio que estaria acontecendo na região – seja equivalente ao questionamento de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, se Fabiano seria um homem: “Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês⁶ na fazenda alheia” (Ramos, 1977 [1938]: 26). (SILVA, 2010, p. 18).

Nesse trecho, a “bichetificação” e objetificação do homem são associadas a uma rês, ou seja, ao gado. Ele é apenas um objeto do espaço, e talvez por isso o genocídio não cause tanto espanto. Já que a fome mata os animais, pode matar também os quase-animais⁷. Sendo quase uma rês da fazenda, ele se torna um animal como outro qualquer de posse do seu dono. Compartilha, inclusive, o mesmo espaço com bois, vacas, cabras... Regressa à raça de bicho, pelo que pode ter sido considerado uma sub-raça em relação ao dono da fazenda, porque estaria numa transição entre homem e bicho. Essa relação produz um efeito de naturalidade, ligando o homem ao animal em uma relação de equivalência. Além disso, outro efeito que pode ser produzido é o de o homem nordestino não ser apenas homem, mas um homem-bicho, homem-animal, homem-canibal, homem-selvagem, uma besta humana. Farejar carne de outro homem não parece representar uma aberração para o homem nordestino.

Na questão 29, sabemos que os dois homens rastejantes buscam desesperadamente água e terra. O primeiro homem, à esquerda, está com suas duas mãos fincadas na terra, já o segundo tem em sua posse uma enxada, outro grande símbolo do Nordeste e do nordestino. É possível dizer que, pelo efeito metonímico, esses dois homens são representantes de um conjunto social regional – o “povo” nordestino rasteja por água e terra. É produzido um efeito de generalização, pois todo o Nordeste, uma região ampla e complexa, é representada pela falta de água, terra e pelo trabalho manual. Os efeitos metonímicos produzidos pela relação parte-todo, nesse contexto, revelam os atravessamentos histórico-ideológicos na constituição dos sentidos, e a memória atravessa esse dizer, ver e sentir sobre os homens nordestinos.

Trata-se de dois homens justamente porque, nesse contexto, cabe à mulher o cuidado com a casa, os filhos, a alimentação e o cultivo de pequenas porções de terra para abastecer a casa e a família. Isso não quer dizer que a mulher, muitas vezes, não maneje a enxada, pelo contrário. Aqui, no entanto, estamos discutindo representações sociais hegemônicas, e o lugar historicamente destinado à mulher são os trabalhos com a casa e família.

Na figura 3, abaixo, é possível ver, dentre outros aspectos, a relação do corpo do trabalhador com a enxada. Existe uma performance corporal que permite adequar a

⁶ A expressão rês significa qualquer animal quadrúpede que pode ser abatido. No Nordeste, é muito conhecida pelos comerciantes de animais. Uma rês pode ser um boi, uma vaca, um carneiro, uma cabra.

⁷ A esse respeito, é possível citar ainda o romance “Homens e caranguejos”, de Josué de Castro, no qual o autor narra a trajetória de uma família de migrantes do sertão em direção ao litoral para trabalhar nos manguezais de Recife em Pernambuco. Aqui homem-caranguejo-homem se integram de maneira íntima à lama que sustenta o homem-caranguejo e a sua família.

enxada ao corpo e o corpo à enxada. A enxada inscreve no corpo do trabalhador uma memória corporal e social. Nesse sentido, Lagazzi (2013), ao analisar o corpo do catador de lixo, no filme “Boca do lixo”, explica que

abrir o olhar e entrecruzar os planos na imagem do corpo fletido do catador em meio ao lixo, para poder compreender a tensão entre os sentidos de trabalho e não-trabalho em disputa na formulação visual. A imagem do corpo fletido que afirmava a memória do sentido do trabalho braçal, e a imagem do lixo que negava ao catador a possibilidade do sentido de trabalho em uma sociedade significada pela saúde, pela higiene e pelo capitalismo. Imagens em contradição. Na remissão do intradiscursivo – o corpo fletido em meio ao lixo significado como fora do lugar – ao interdiscursivo – a memória do corpo legitimado em posição de trabalho –, a contradição entre corpo fletido e lixo se fez visível e me permitiu compreender o processo discursivo. Uma mesma formulação visual se desdobrando em diferentes imagens do corpo e do social (LAGAZZI, 2013, p. 104-105).

Assim, a análise de Lagazzi (2013) concentra-se na formulação visual do corpo do catador, que, fletido, flexionado, curvado, produz sentidos de trabalho e não trabalho. Ou seja, é a posição do corpo do catador que provoca a memória da autora e a memória coletiva. Nesse contexto, o corpo, tomado como objeto simbólico, se institui e se afirma como processo discursivo, inscrito de história, memória e sentidos.

Podemos ver também (figura 3) a relação das mulheres com o trabalho da casa e família, visto que, do conjunto de mulheres que aparecem na fotografia, apenas uma descansa a enxada nos ombros. As outras carregam bacias na cabeça e crianças no colo ou na corcunda. Essa fotografia é especialmente importante porque, embora silenciados, encobertos, existiram e ainda existem trabalhadores do campo em São Paulo. Dessa forma, um olhar estereotipado sobre essa fotografia, que data de fins do século XIX, direciona-a para a região Nordeste, sendo que ela poderia representar qualquer outro lugar, inclusive São Paulo – que também é estereotipado, mas, noutro sentido, como espaço de modernidade, inovação, tecnologia, urbanidade, espaço máximo da realização do trabalho mecanizado, intelectualizado, tecnológico.

Figura 3. Foto do *sítio* Brasiliana Fotográfica – Colheita do café, Vale do Paraíba⁸

Existe uma performance corporal, uma educação do corpo para portar alguns equipamentos de trabalho. O corpo é solicitado a se adequar em função das ferramentas

⁸ Forma com que algumas mulheres carregam as crianças entre a barriga e as costas.

⁹ Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=1499>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ou das roupas e acessórios específicos do trabalho no campo. Existe, dessa forma, uma estética do trabalhador do campo ou rural¹⁰. O corpo é, assim, lugar de memória política e sentido. Memória política e espaço estão articulados através da memória social e individual construída ao longo do tempo, memórias inseridas num quadro de referências que possuem uma espacialidade específica e uma temporalidade espiralada, em transformação contínua. Por performance, Tylor (2003) entende o restaurado, o reiterado, que, aqui, se aproxima da concepção de performance de Schechner (2003), o qual a define como o repertório reiterado de condutas repetidas. Na imagem abaixo, é possível ver como essas condutas repetidas são reproduzidas nos corpos dos trabalhadores nordestinos, o manejo com enxada, independente da região brasileira, conforma um corpo, o uso da enxada implica uma performance corporal. É possível ver os trabalhadores descansando as enxadas em seus ombros.

Figura 4. Trabalhadores nordestinos¹¹

Se considerarmos, ainda, que essas imagens fazem parte de uma prática ritualizada imagético-discursiva, um diálogo com Pêcheux nos parece adequado, pois, para ele:

E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

O autor indica que, para romper o ciclo da repetição, é necessário quebrar com os rituais que reproduzem a repetição do dizer, pois, nesse círculo, muitos outros discursos são impedidos de emergir. Por isso, a quebra, a falha, a rachadura são necessárias para que discursos outros irrompam. Por outro lado, o mesmo Pêcheux nos explica que todo ritual é passível de falhas, fissuras por onde as transgressões passeiam.

Tylor (2003) explica ainda que a performance se apoia sempre em um contexto específico para seu significado e funciona como um sistema histórico e culturalmente

¹⁰ Na Geografia, existe um tradicional debate teórico e político em torno do conceito de campo e rural. É preciso dizer que eles não são sinônimos e que neste artigo são considerados em sua relação com a terra.

¹¹ Fotografia de Sebastião Salgado. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=fotos+trabalhadores+nordestinos&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjv6C34vmAhU0CrkGHWAAbB4UQsAR6BAgHEAE&biw=1366&bih=625#imgdii=oELY8d2KSGHsWM:&imgcr=1w2kc8t89eJM4M:>. Acesso em: 21 mar. 2018.

codificado, e isso é o que lhe permite a leitura. As imagens articuladas adquirem seu sentido só em um contexto cultural, histórico, espacial e discursivo específico.

Essas noções extrapolam a ideia de performance ligada às artes, inserindo-a no ir e vir da vida cotidiana, como rituais diários. As performances, nessa perspectiva, afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. No caso do corpo nordestino, por exemplo, as imagens exibidas sobre os seus corpos identificam um recorte histórico, espacial e discursivo bem definido. Corpos que portam enxadas modelam o corpo, assim como a fome e a doença. A imagem do corpo nordestino curva o tempo na medida em que atualiza uma imagem de corpo sofrido, emagrecido que é vista desde o século XIX. Há, explicitamente, uma estética do corpo nordestino que se atualiza com o tempo e cuida de informar uma história quase natural a respeito do Nordeste que não pode e não deve ser esquecida, porque através da memória visual também se educa. O efeito de naturalidade (o Nordeste é assim mesmo), produzido também por uma natureza que “castiga e maltrata”, apaga todo um processo histórico, político e ideológico que sustenta esse dizer.

Para Martins (2003), a memória do *corpus* cultural é instituída na e pela performance ritual, por meio das técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo. Dessa afirmação podemos depreender que o corpo se constitui como um instrumento de divulgação da cultura, pois, através do corpo, as pessoas seriam inseridas num contexto cultural. A performance representaria a memória e também se constituiria como prática educativa e transmitidora de conhecimento. Enfim, a memória se inscreve no corpo em performance.

Martins (2003) estuda a performance atrelada à ideia de memória social e afirma que a memória é um fenômeno do presente que coloca em cena um evento que tem suas raízes no passado. Dessa forma, a performance é um veículo de transmissão da memória coletiva ou social. O corpo do nordestino trabalhador rural, do nordestino retirante é um arquivo de memória, uma vez que informa em que posição social o sujeito está e em que tipo de trabalho e cultura se insere. Há marcas no corpo que informam de que lugar social esse sujeito fala; por exemplo, o manejo com a enxada exige que a pele das mãos seja enrijecida para suportar o peso da ferramenta e as horas de trabalho. Isso quer dizer também que o corpo produz sentidos.

Nesse sentido, Courtine (1999) também nos ajuda a entender a memória discursiva quando lembra

aos lingüistas que consideram o sujeito falante como sujeito-origem, pleno e sem memória, as teses sobre a existência histórica e material das ideologias lembravam a eles que “há sempre já um discurso”, ou seja, que o enunciável é exterior ao sujeito enunciadador (COURTINE 1999, p. 18).

A memória é esse “há sempre já um discurso” que é enunciável, mas sendo exterior ao sujeito; nela, não há nem início, nem fim. Nutre-se pelos movimentos de estabilização/desestabilização, presença/ausência, visibilidade/invisibilidade, silêncios, apagamentos... A memória estabiliza o sentido a partir de um processo discursivo anterior. Pensando assim, todo discurso é memória atualizada, porque todo discurso contém outros discursos em um movimento contínuo de passado/presente/futuro e

memória/esquecimento. É próprio do funcionamento da memória o esquecimento. Produzir sentido não é só um trabalho da memória, mas também do esquecimento. Assim, esquecer é constitutivo e igualmente necessário.

Dessa forma, as repetições, as performances diárias são sempre memórias atualizadas. De acordo com Schechner (2003), as ações diárias se constituem em performance, devido às repetições dos movimentos, aos pedaços de comportamentos rearranjados e modelados de modo a construir uma ação ou uma outra ação. Honrar o que é ordinário é observar quão ritualística é a vida diária, e o quanto ela é constituída de repetições. Não há, segundo o autor, nenhuma ação humana que possa ser classificada como um comportamento exercido uma única vez. Existe uma ordem ritualística, e aqui aceitamos que há também uma ordem discursiva reiterada nas performances do corpo nordestino.

É importante destacar que o estudo das relações do corpo com a cultura, história, política, geografia, percebendo-o como objeto do estudo discursivo é relativamente recente. Sargentini (2014), na apresentação do livro “Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos”, de Jean-Jacques Courtine, explica que Courtine, ao observar o que ocorreu em torno do corpo na década de 1960,

identifica tanto seu recalçamento teórico, promovido pelo *linguistic turn* estruturalista, quanto sua posterior restituição, impulsionada sobretudo pelos movimentos das minorias feministas, homossexuais, étnicas e estudantis, que se contrapunham às hierarquias culturais, sociais e políticas legadas por um passado autoritário e discriminatório. O corpo era então concebido como um lugar privilegiado de refúgio e resistência aos poderes opressores. (...) Desde então, o corpo carrega consigo marcas de gênero, e de geração, de classe e de etnia, de ambiente e de subjetividade (SARGENTINI, 2014, p. 12-13 apud COURTINE, 1999).

Dito isso, podemos depreender que o corpo é experiência social, é lugar de práticas ritualizadas, repetidas, é lugar de consenso, mas também de resistência. O corpo é linguagem que pulsa, informa, confunde, contradiz e se faz fortemente presente. O corpo produz sentidos, e, por isso, podemos dizer que o corpo do homem nordestino resiste ao trabalho na roça, ao manejo da enxada, à fome, ao forte calor, às doenças, à magreza e à transformação de homem em bicho.

Nesse sentido, se considerarmos a imagem da questão 29, a foto do *site* Brasileira Fotográfica e cenas do filme “Morte e vida Severina”, pelo efeito metonímico, podemos dizer que não se representa apenas, nesses suportes, a imagem do trabalhador nordestino, mas, de modo geral, a do trabalhador brasileiro, pobre, mal remunerado, precarizado, sem o respaldo das leis do trabalho formal, sem carteira assinada, sem escolaridade, com pouca formação escolar ou analfabeto. E as condições desse trabalhador independem da sua localização espacial, regional, visto que o trabalhador do campo tem, basicamente, as mesmas condições de trabalho em qualquer lugar do Brasil.

Na materialidade da imagem da questão 29, o homem que clama por terra carrega em sua mão uma enxada, grande símbolo das questões ligadas ao campo. A enxada não representa apenas o cultivo da terra, mas toda representação social que circula pelo

imaginário do trabalhador do campo brasileiro e, em particular, do nordestino. Esse trabalhador, que tem a terra como lugar de trabalho e a enxada como principal ferramenta, é associado também à falta: falta de recursos, o que o impediu de estudar; falta de oportunidades; falta de inteligência; falta de racionalidade, porque acredita que a natureza é controlada pela religiosidade.

O homem que segura a enxada é o mesmo que protege a cabeça do sol com um chapéu, não um boné. O trabalho no campo, na roça é socialmente desvalorizado em relação ao trabalho da cidade, ao trabalho industrial ou intelectual; tanto é que esses trabalhos são divididos, sendo o primeiro o trabalho braçal/manual, e o segundo, o intelectual. Por um efeito de hierarquia, o trabalho intelectual é visto como mais importante que o braçal, cujo efeito de sentido retira o uso do intelecto. Para o trabalhador braçal, o corpo é quem trabalha, é um trabalhador-corpo, quase regressando à condição de bicho, de rês, de animal.

A respeito da relação do trabalho braçal e das repercussões do rastejamento pela fome, no romance de Teófilo, os retirantes, “indo, alguns deles, terminar nos abarracamentos precários dos campos de concentração¹², têm que realizar trabalhos braçais, como carregar pedras da pedreira de Mucuripe, em troca da parca e insuficiente ração diária” (TEÓFILO, 2011, p. 279 apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 241).

A posição inferior do trabalho braçal está reafirmada na imagem da questão 29, já que os homens se rastejam pelo chão em busca de água e terra. É uma situação de constrangimento, submissão, dependência, pobreza extrema; é um trabalhador-corpo que se arrasta. Não seria possível pensar essa mesma imagem reproduzida com um trabalhador intelectual, afinal, esses trabalhadores se rastejariam pelo quê? A água e a terra não têm o mesmo significado para quem mora no campo/rural/roça e na cidade/urbano, e nisso também se divide o trabalho. A água e a terra dividem dois pares dialéticos de espaço, que estão em contradição, mas que, ao contrário, são constitutivos entre si: espaço rural/urbano e espaço nordestino (espaço da ignorância, atraso, incivilizado) / sudestino (espaço da razão, progresso, tecnologia, futuro, modernidade). O corpo como metáfora também se subdivide: a cabeça, lugar da razão, se sobressai nos espaços do Sudeste, enquanto o corpo-físico-trabalhador está no Nordeste brasileiro. E, dessa forma, uma divisão espacial dos sentidos se estabelece.

Esse é um discurso que se atualiza ao longo do tempo e no espaço, se considerarmos que, na Antiguidade Greco-romana, o trabalho braçal era visto como degradante, humilhante e destinado a inferiores ou povos dominados, e aos cidadãos era proibido o trabalho braçal, visto que eles deveriam dedicar-se ao trabalho intelectual da reflexão. Nessa conjuntura, não só o trabalho é hierarquizado, mas também os espaços, já que o cidadão está associado à cidade, à reflexão; e o trabalhador braçal, ao campo, à roça.

Outra questão que se levanta é o fato de que, para além de uma divisão geográfica cidade-campo intrarregional, existe essa mesma divisão inter-regional do sentido. O campo, o rural, a roça, nessa divisão geográfica, estariam circunscritos à região Nordeste;

¹² Em 1915 e 1932, o governo do Ceará construiu um campo de concentração para colocar os retirantes e flagelados da seca. A intenção era remover os retirantes do centro da cidade e isolá-los num lugar destinado, evitando saques e invasões a casas comerciais.

já a cidade, o progresso e a modernidade estariam reservados à região Sudeste do país. Há o apagamento imagético-discursivo de que, na região mais desenvolvida do país, também existem roças, trabalhadores rurais e pequenos agricultores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de tensão presente na questão analisada diz respeito, sobretudo, à língua e imagem e suas relações na produção de sentido. Nesse jogo das linguagens, nos sentidos produzidos, as identificações são demandadas, e existe uma visualidade do corpo nordestino que circula por diversos espaços-tempos. Há a construção de um olhar para esse corpo, assim como existe um sentido hegemônico que implica um corpo em que a magreza desenha os ossos com a pele. Há também um sentido de trabalho produzido por esse corpo, ou melhor, o trabalho do próprio corpo, inscrito em memória, sentido e performance. Ou seria o contrário: a memória inscrita no corpo em performance?

Pêcheux nos ensina que a língua é polissêmica e opaca, e o real da língua é a falha; o mesmo podemos aceitar em relação à imagem: ela é polissêmica, não transparente, e o seu real não é a sua totalidade, mas as fissuras que são abertas pelo movimento cambiante das relações entre memória, sentido e história. A imagem também precisa ser inscrita na história para produzir sentido, a leitura do aparente ou a descrição dessa materialidade é, apenas, o primeiro passo para entendê-la como imagem-sentido.

Podemos observar, através da análise, que as relações entre língua e imagem estão na fronteira, no cruzamento, no entre-lugar do dito e não dito, já que este último significa tanto quanto o primeiro. É por meio da linguagem que os argumentos são desenvolvidos e os interlocutores são envolvidos ou não nas ideologias dominantes. Os efeitos de sentido vão sendo construídos e reconstruídos, num jogo de mostrar e esconder para convencer. Na questão analisada, o não dito está mais presente na memória discursiva que o explicitamente dito e desenhado no enunciado.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e início do século XX. **Revista Varia História**, Belo Horizonte, v. 33, n. 61, p. 225-251, jan./abr. 2017.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, São Paulo: Edufscar, 2009.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: Derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos (SP): Editora Claraluz, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, Freda. (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Trad. Roberto Machado et al. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LAGAZZI, Suzy. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **REDISCO**, Vitória da Conquista v. 2. n. 1, p. 104-110, jan./jun. 2013.
- ORLANDI, Eni. P.; LAJOLO, Marisa; IANNI, Octavio. **Sociedade e linguagem**. Campinas, São Paulo: Editora de Unicamp, 1997, p. 9-49.

- ORLANDI, Eni. P. **Interpretação**: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni. P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.
- MARTINS, Leda. Performances do tempo e da memória: os congados. **O Percevejo - Revista de Teatro, Crítica e Estética**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-98, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad.: Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel.; Catherine, FUCHS. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Trad.: Bethania S. Mariani. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni P. Orlandi et al. 4. ed. brasileira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- SILVA, Cyntia de Oliveira. **O resgate da trajetória histórico-política do 13 de maio NEP – Núcleo de Educação Popular**. 212f. 2008. Dissertação (Mestrado em Trabalho e Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Estadual de Santa Catarina, 2008.
- SILVA, Daniel do Nascimento e. **Pragmática da violência**: o Nordeste na mídia brasileira. 192p. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2010.
- SCHECHNER, Richard. O que é performance? **O Percevejo - Revista de Teatro, Crítica e Estética**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 25-50, 2003.
- TAYLOR, Diana. **El espectáculo de la memoria**: trauma, performance y política. Disponível em: <http://hemi.nyu.edu/archive/text/hijos2.html>. Acesso em: 20 out. 2017.

Artigo recebido em: nov. de 2019.
Aprovado e revisado em: abr. de 2020.
Publicado em: julho de 2020.

Para citar este texto:

AZEVEDO, Livia Dias de.; SOUZA, Edson Roberto de. O Corpo-Discurso em Questão do Vestibular: Nordeste e(em) sentido. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 21, p. 149-165, jan. - jun. 2020.
DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol21pagina149a165>